

Mônica Bergamo

bergamo@folhasp.com.br

Banco traseiro

Além de filas, atrasos, cancelamentos de vôos, uma novidade: passageiros da TAM que compraram passagens de primeira classe para Nova York estão tendo que embarcar na executiva. É que, mesmo depois de já ter vendido os bilhetes, a empresa informou, há dois meses, que cancelaria a opção. Em seu lugar criou a Premiù Class, uma classe executiva “turbinada”, com poltrona “mais confortável” e nécessaire de luxo. A empresa informa que passageiros que compraram a passagem na primeira podem pedir reembolso da diferença de preço.

JUSTIÇA

Uma das “vítimas” do fim da primeira classe foi o empresário Jorge Chamas, do Moinho São Jorge: ele comprou uma dezena de passagens e ficou com o mico na mão. Não aceitou receber o reembolso e vai à Justiça. “De acordo com o Código do Consumidor, eles terão que me pagar uma reparação de até dez vezes o valor de cada passagem.” Cliente da TAM há 33 anos, ele afirma que “o comandante Rolim [fundador da empresa] mudou a história da aviação com atendimento de alta qualidade. Com a atual visão imediatista de mercado financeiro, a atual gestão vai mudá-la outra vez — para pior”.

VOLTA

A TAM informa ainda que, devido às muitas reclamações, decidiu voltar a operar a primeira classe para NY, a partir do dia 12 de janeiro.

VERDE

O projeto de construir um hipermercado no terreno entre as ruas Augusta, Caio Prado e Marquês de Paranaguá, no bairro da Consolação, que tanta polêmica gerou no bairro, foi abortado. Agora, o proprietário da área, Armando Conde, quer erguer ali três torres residenciais de 38 andares. “Os prédios ocuparão apenas 10% da área [de 23.700 m²], diz o arquiteto Decio Tozzi. “O restante será um parque.” A Sociedade dos Amigos e Moradores do Bairro de Cerqueira César afirma que vai lutar para impedir a obra. “Queremos um parque na área toda”, diz Célia Marcondes, presidente da entidade.

ALGEMA

Revelada como atriz na novela “Belíssima”, a modelo Leticia Birkheuer agora planeja estreitar no cinema. Ela deve interpretar uma delegada em filme de ação dirigido por Luiz Antônio Pilar, que a conheceu nos corredores do Projac.



Fotos Ana Ottoni/Folha Imagem

» PARA TODOS

Cristiane Zuan Esteves dirige, desde 2004, o grupo de atores Opovoempé, que faz intervenções teatrais na Casa das Caldeiras e em locais públicos, como praça da Sé, feiras livres, faixas de pedestre e terminais de ônibus; no início de 2007, ela pretende levar as apresentações da companhia às estações de metrô



» NO MEIO DO CAMINHO

Doze ametistas de mais de 2m chamam a atenção no Sesc Pinheiros; a autora do trabalho é Denise Milan, que também exhibe, até 28 de janeiro, a videoarte “Ópera das Pedras”

CORREIO

Cerca de 70 cartas da biblioteca de José Mindlin serão publicadas em livro. São correspondências entre Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade para Ian de Almeida Prado. Há também manuscritos de d. Pedro 1º, d. Pedro 2º e da princesa Isabel. A obra será lançada até junho, pela Terceiro Nome.

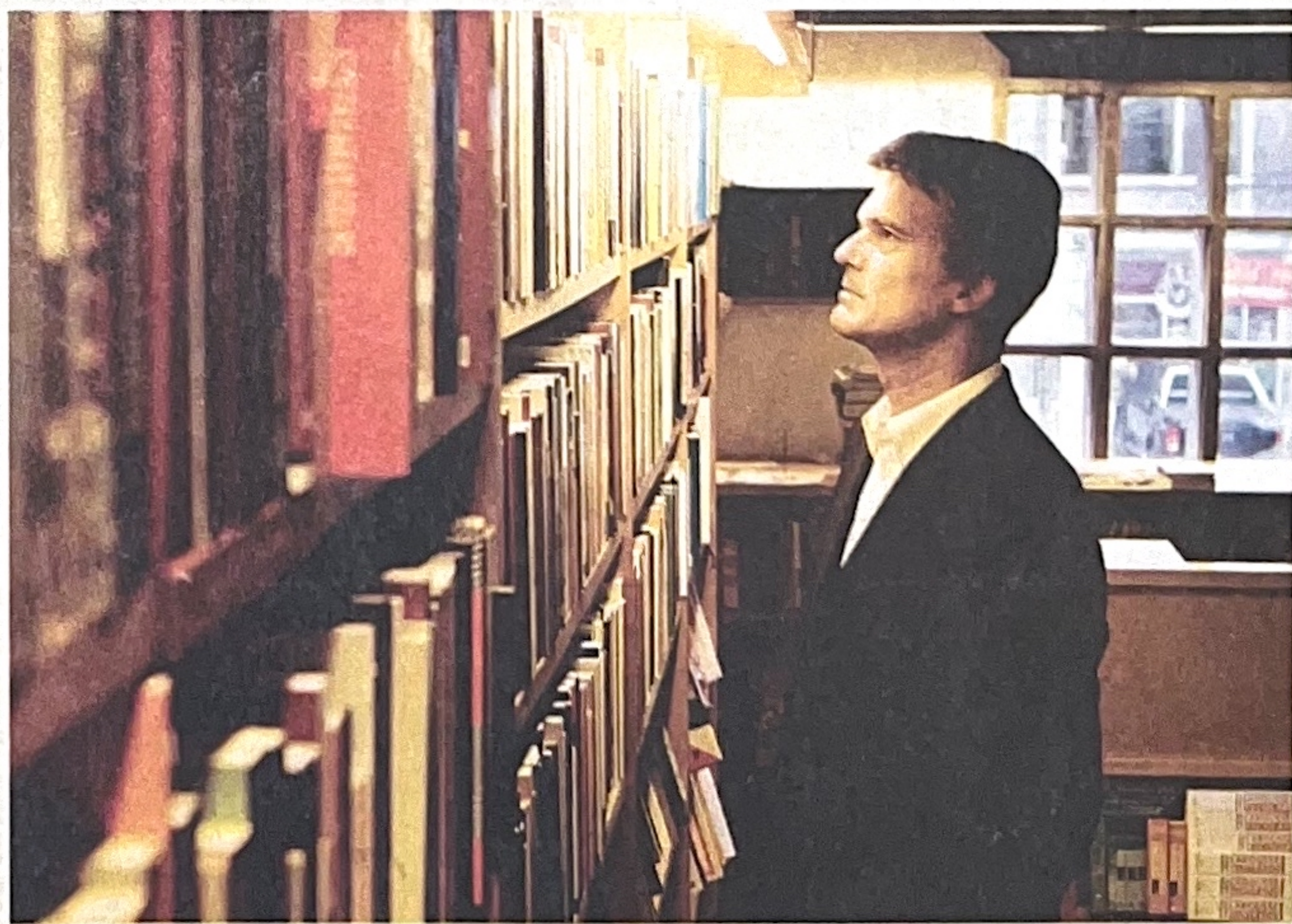
TINTA

A peça que Caco Ciocler vai dirigir sobre Frida Kahlo, com Rosamaria Murtinho como protagonista, virá a SP no segundo semestre.

CURTO-CIRCUITO

O DJ TONY MONTANA comanda a noite de Ano Novo do restaurante Emiliano, nos Jardins, neste domingo, às 20h.
O RESTAURANTE Era uma Vez um Chalezinho..., no Morumbi, promove festa de Réveillon, neste domingo, a partir das 20h.
O AMADEUS, restaurante nos Jardins, oferece ceia no Réveillon, neste domingo, e almoço no dia 1º, segunda-feira.
O INSTITUTO RONALDINHO GAÚCHO será inaugurado hoje, com a presença do jogador, no Rio Grande do Sul.
O CLUBE ULTRALOUNGE, de SP, organiza festa de aniversário de seis anos na casa Concorde, em Florianópolis, neste sábado.
O CANTOR JORGE VERCILLO se apresenta na festa de Ano Novo da ONG A Força do Bem, amanhã, no Rio de Janeiro.
O VJ ALEXIS se apresenta no festival “Universo Paralelo”, que vai de amanhã ao dia 3, na praia de Pratigi, na Bahia.

com DANIEL BERGAMASCO, AUDREY FURLANETTO, FAUZA ALCANTARA E SILVA



» ESTROFE

Em 2005, o escritor e antropólogo Rodolfo Guttilla lançou o livro de haicai “Uns e Outros”, que vai ser distribuído em 32 mil escolas públicas do país; agora, ele escreve “Panorama do Haicai no Brasil” (título provisório), uma série de doze artigos que deve ser lançada no início de 2008

JOÃO PEREIRA COUTINHO

Olha o passarinho!

A REVISTA “The Economist” dedicou o seu número de fim de ano ao único tema que apai-xona as sociedades modernas: a felicidade. Pena que as conclusões da “Economist” não sejam propriamente felizes. Vivemos mais. Vivemos melhor. Mas, apesar de tudo, as sociedades ocidentais não se sentem mais felizes do que nossos antepassados.

Entendam: a “Economist” não nega que os ricos são mais felizes do que os pobres. O problema está no interior do clube afortunado. A nossa riqueza não se traduz necessariamente em maior felicidade. Vamos chorar?

Um momento, por favor: chorar não resolve a questão; e as respostas da “Economist”, também não. Para a revista britânica, o problema está na natureza insaciável da natureza humana: atingimos um patamar

material de satisfação e começamos logo a invejar o próximo.

Talvez seja. Mas a melhor resposta ao paradoxo da felicidade moderna encontra-se em livro de Darrin McMahon —um tratado de 500 páginas que é, opinião pessoal, o livro do ano. O título é expressivo: “The Pursuit of Happiness: A History from the Greeks to the Present” (a busca da felicidade: uma história dos gregos ao presente). E a tese de McMahon é singular: o nosso conceito de felicidade seria ininteligível para nossos antepassados.

A diferença começa logo na palavra: como acontece em todas as línguas indo-europeias, “felicidade”

Pela primeira vez na história, sentimo-nos infelizes por não sermos felizes e interpretamos a felicidade como obrigação

envolve uma dimensão de sorte, às vezes de destino, como aliás acontece com o prefixo latino “felix”, que construiu o termo em português, ou espanhol, ou italiano.

Por outras palavras: para nossos antepassados, a felicidade era algo que acontecia e não um produto de nossas vontades. Verdade que Sócrates inaugurou uma sensibilidade “racionalista” que procurava depo-

sitar nas mãos dos homens a possibilidade de suas próprias virtudes. Mas mesmo Sócrates e seus herdeiros entenderam sempre que a sorte tinha uma palavra decisiva em nossos arranjos e desarranjos.

Foi o Iluminismo continental do século 18 a quebrar seriamente essa herança: não apenas a herança helênica que concedia à sorte um papel de relevo; mas também a herança medieval, para quem a felicidade humana, literalmente, não residia neste mundo. Se o projeto iluminista se define por um traço comum, talvez seja por essa emancipação do conceito de felicidade de mãos divinas para mãos humanas.

Hoje, no meio da afluência ocidental, nós esquecemos os ensinamentos dos antigos e acreditamos que a felicidade depende exclusivamente de nós. Mais: pela primeira vez na história, sentimo-nos infelizes por não sermos felizes e interpretamos a felicidade como um projeto individual e obrigatório. Darrin McMahon propõe uma experiência: comparem as fotografias de hoje com as fotografias de nossos avós. A principal diferença está no sorriso: nós sorrimos por obrigação e convenção; eles limitam-se a olhar para a lente.

Não existem fórmulas. Mas existem conselhos. O primeiro é regressar aos clássicos e deixar que a sorte também tenha uma palavra em nossos destinos. E o segundo é aliviar a cláusula totalitária de ser feliz. Na noite de Réveillon, acreditem, não é obrigatório sorrir para o retrato.